

ROSÁRIOS DOS PRETOS, «SÃO BENEDITO DE QUISSAMA»: IRMANDADES E DEVOÇÕES NEGRAS NO MUNDO ATLÂNTICO (PORTUGAL E ANGOLA, SÉCULO XVIII)¹

Rosários dos Pretos, Saint Benedict of Quissama: Black Confraternities and Devotions in the Atlantic World (Portu- gal and Angola, 1700s)

Lucilene REGINALDO

Universidade de Campinas, Brasil

Correo-e: luregi@unicamp.br

RESUMEN: En el siglo XVIII las cofradías con invocación a la Virgen del Rosario o a los santos negros Benito, Ifigenia y Elesban –limitándose a las devociones más populares– fueron numerosas en distintas localidades del mundo atlántico. Llama también la atención la identificación de estas devociones con los esclavos, libertos y sus descendientes negros libres. Creo que la popularidad de estas invocaciones entre los negros no se puede explicar solo por la historia de la expansión de instituciones católicas y el empeño de sus agentes. En este artículo quiero demostrar que los africanos y sus descendientes han intervenido de manera decisiva en este proceso. En otras palabras, su papel fue fundamental en el proceso de propagación y de popularización de las devociones y de las hermandades negras. Para ilustrar este proceso me dedicaré a la historia de las hermandades y

1. O santo referido é, na verdade, São Benedito de Palermo. O título particular da invocação é interpretado pela autora como demonstração da popularidade do santo em Angola. Segundo António de Cadornega, no século XVII, foi muito conhecida uma lenda na região de Massangano, e que chegou a outras partes de Angola, propagando que São Benedito haveria nascido na região de Quissama, ao sul do rio Kwanza.

devociones negras en dos territorios del imperio portugués atlántico: el reino de Portugal y las tierras conquistadas de Angola.

Palabras clave: hermandades negras; devociones negras; Portugal siglo XVIII; Angola siglo XVIII.

ABSTRACT: In the eighteenth century, confraternities such as that of Our Lady of the Rosary and those dedicated to the black saints Benedict, Iphigenia and Elesban – to mention only the most popular devotions – were common in different areas of the Atlantic World. They were especially popular among people of color, both enslaved and free. In this paper I argue that the popularity of these sodalities should not be understood solely as the result of Catholic expansion. Rather, Africans and their descendents assumed an active role in this process, as important agents in propagating and popularizing the devotions and black confraternities. In order to understand this process I examine the history of black confraternities and devotions in two parts of the Portuguese Atlantic world: the kingdom of Portugal and the territories it conquered in Angola.

Key words: Black Confraternities; Black Devotions; Eighteenth Century Portugal; Eighteenth Century Angola.

1. POPULAÇÕES E IRMANDADES NEGRAS NO REINO DE PORTUGAL

Acredita-se que a primeira irmandade de negros de Lisboa foi instituída na Igreja do Convento de São Domingos. Provavelmente, desde o final do século xv, havia neste convento uma irmandade de N. S. do Rosário, instituída por pessoas brancas. A partir do século xvi, paulatinamente, os negros foram ingressando em número cada vez maior na instituição. Como consequência dos novos ingressos, em 1551, a Confraria do Rosário do Convento de São Domingos estava «repartida em duas, uma de pessoas honradas, e outra dos pretos forros e escravos de Lisboa»². Vários conflitos entre os irmãos pretos e os devotos brancos do Rosário, levaram à separação definitiva do grupo. Em 1565, os irmãos negros tiveram seu primeiro compromisso aprovado pela autoridade régia. Apesar disto, o acirramento das

2. OLIVEIRA, C. R.: *Sumário que brevemente se contém algumas coisas assim Eclesiásticas, como Seculares, que há na cidade de Lisboa* [1551]. Lisboa, 1760, p. 73.

disputas, que chegou a envolver os superiores do convento e até o Papa, levou à expulsão da irmandade dos negros do templo dominicano no fim do século XVI³.

Na década de 1580 surgiram em Lisboa mais duas confrarias exclusivamente de negros: a de N. S. de Guadalupe, mais tarde denominada N. S. de Guadalupe e São Benedito, no convento de São Francisco; e uma outra, sob a invocação de Jesus Maria José, no Convento do Carmo. Nos séculos XVII e XVIII Lisboa assistiu ao nascimento de outras irmandades de negros. No início do XVII foi criada a irmandade do Rosário dos Pretos no Convento do Salvador; e a partir daí, até meados do século XVIII, os negros em Portugal instituíram mais três confrarias: a do Rosário a Resgatada, no Convento da Trindade, N. S. do Rosário dos pretos, no Convento da Graça e, finalmente uma confraria sob a invocação de Jesus, Maria, José, esta agora no Convento de Jesus, dos religiosos franciscanos⁴. Ainda no século XVIII, foi criada Confraria de Nossa Senhora do Rosário e dos Santos Reis Magos; teve vida efêmera, mas renasceu sob a mesma invocação, na primeira metade do século XIX. O surgimento e propagação das confrarias de negros expressa o crescimento desta população em Portugal, e, também, a importância que este tipo de associação foi adquirindo entre os africanos e seus descendentes no Reino.

O crescimento do contingente populacional de origem africana em Portugal, decorrente da expansão ultramarina e das relações estabelecidas com os povos da costa ocidental da África, permitiu o deslocamento para as terras do reino não apenas de africanos escravizados, mas também de pessoas livres. Nos primeiros séculos de contatos com a África, a exemplo dos primeiros congueses embarcados na frota comandada por Diogo Cão em 1485, vários africanos foram levados a Portugal para serem instruídos na fé, na cultura e nas línguas ocidentais. Alguns desembarcaram em Lisboa como homens livres, eram representantes da corte do Mani Congo, embaixadores, parentes da família real. Destes, alguns poucos se tornaram intérpretes (então chamados «línguas»), catequistas e sacerdotes⁵. Na primeira metade do século XIX os reis do Congo parecem ter dado continuidade à antiga tradição de enviar seus infantes para realizar estudos em Portugal. No ano de 1845, num contexto político delicado e promissor das relações entre Portugal e o Congo, o rei D. Henrique II envia seu filho mais novo – D. Nicolau de Água Rosada e Sardónia – para Portugal, acompanhado do padre congolês Antonio

3. LAHON, D.: *O negro no coração do Império, uma memória a resgatar – Séculos XV – XIX*. Lisboa, 1999, pp. 61, 62. Esta irmandade foi reinstituída no século XVII. No século XVIII estava alojada no Convento de Santa Joana.

4. LAHON, D.: «Irmandades de escravos e forros», *Os Negros em Portugal*. Catálogo da exposição. Lisboa, 1999, 129-130.

5. BOXER, C.: *A Igreja e a expansão ibérica*. Lisboa, 1989, 14-15.

Francisco das Necessidades⁶. D. Nicolau estudou em Coimbra, retornando à Angola em 1847 para prosseguir seus estudos, sendo, três anos mais depois, nomeado escrivão da Fazenda de Luanda⁷. A partir do século XVIII, um grande afluxo de gente de cor livre, oriunda das Américas, desembarca em Portugal. Embora reconhecendo a diversidade em termos das origens sociais, econômicas e regionais, há que se destacar que parte significativa deste contingente era composta por filhos das novas elites luso-brasileiras – especialmente as beneficiárias das riquezas descobertas nas Minas Gerais – que passaram a enviar seus herdeiros para estudar em Coimbra⁸.

Lisboa, capital política e administrativa e principal porto português «não era só a maior das cidades, mas também a maior das concentrações de escravos em todo Reino». Um recenseamento das paróquias da cidade, realizado nos anos de 1551-52, permite concluir que Lisboa possuía uma população de 9.950 escravos, «isto é, 9,95% ou digamos que 10% da população total da cidade»⁹. Em 1620, os escravos contavam 10.470 num total populacional de 143.000¹⁰. Entretanto, a população negra de Lisboa não era composta tão somente por aqueles que viviam na condição de escravos. Havia, assim como na América portuguesa, um contingente populacional de libertos¹¹. Diga-se de passagem, contingente social deveras importante na história das irmandades no reino. Por ora, é importante ressaltar que o grupo aparece em destaque em outros registros documentais produzidos no século XVIII.

As Misericórdias enterravam os pobres falecidos, incluindo neste rol os escravos e libertos negros¹². Os livros de sepultamentos da Santa Casa de Misericórdia de Lisboa confirmam a presença significativa da população negra na cidade no decorrer do século XVIII. Em 1756, a Misericórdia fez o enterro de 1.235 pessoas,

6. Acord du Roi du Congo Henrique II (26-VI-1845). In: BRÁSIO, A. (comp.): *Angolana. Spiritana monumenta Historica*. Louvain, 1966, pp. 23-24.

7. CORREIA, A. «A decadência final do Reino do Congo». <http://www.arlindo-correia.org/180807.html>

8. O tema foi tratado, entre outros, por: DIAS, M. O. L.: *Interiorização da metrópole*. São Paulo, 2009; RAMINELLI, R. *Viagens ultramarinas. Monarcas, vassallos e governo à distância*. São Paulo, 2008.

9. SAUNDERS, A. C. de C. M.: *História Social dos escravos e libertos negros em Portugal (1441-1555)*. Lisboa, 1982, p. 84.

10. LAHON, *O negro...*, *op. cit.*, p. 15. O estudo recente de Renato Venâncio questionando os números apresentados por Lahon, estima a percentagem de escravos na população de Lisboa, em meados do século XVIII, em 5%. VENÂNCIO, R. P.: *Cativos do Reino. A circulação de escravos entre Portugal em Brasil, séculos 18 e 19*. São Paulo, 2012, p. 89.

11. Ver: SAUNDERS, A. C. de C. M.: *História Social dos escravos e libertos negros em Portugal (1441-1555)*, LAHON, *O negro...*, *op. cit.*

12. GUIMARÃES, I. de S.: *As Misericórdias portuguesas de D. Manuel I a Pombal*. Lisboa, 2001, pp. 116-117.

entre estes, 16,8% eram pessoas de cor. Na década de 1760, a população negra representa 15% dos defuntos enterrados pela Misericórdia, em alguns períodos chega a representar 17,8 % e sua participação nunca fica abaixo de 12,7%, como o ocorrido no ano de 1765¹³.

Apesar da singularidade do peso numérico e social dos cativos e libertos na capital do Reino, as irmandades de negros não estiveram restritas a Lisboa. Foram criadas em todas as localidades que concentraram populações de origem africana. Ainda que desde 1512, Lisboa tenha sido o único porto do reino onde era permitido o desembarque de cativos, efetivamente, até pelo menos a proibição de 1761, Setúbal, Porto e muitas outras cidades portuárias localizadas na região do Algarve receberam grande número de escravos africanos¹⁴. «A importância que os portos algarvios, como Lagos, tiveram na importação de cativos fez da região uma das que, no conjunto do território português, contavam com maior percentagem e escravos na sua população»¹⁵. No século XVI, apesar do exclusivismo de Lisboa, em termos proporcionais, os números da população escrava no Algarve eram semelhantes aos da capital. Cerca de 6.000 escravos representavam algo em torno de 10% da população total da região¹⁶. Para a região do Alentejo, Fonseca sugere um cálculo aproximado da população escrava, a partir de um significativo número de registros de batismo da cidade de Évora e principais vilas e termos rurais da região. Segundo este autor, no período de 1588 a 1600, os escravos representaram 5,44% do total de batizados¹⁷. Ao norte, a cidade do Porto possuía um movimentado mercado de escravos desde a segunda metade do século XV. Na década de 1540, os escravos chegaram a representar 6% dos batismos realizados na Sé Catedral¹⁸.

Depois da de Lisboa, a irmandade do Rosário dos pretos de Évora é a mais antiga. As primeiras notícias desta irmandade datam do início do século XVI. Em diversas outras localidades do Alentejo também foram criadas irmandades de negros: Alcácer do Sal, Setúbal, Vila Viçosa, Grândola, Montemor-o-Novo, Estremoz e Elvas, só para registrar as mais antigas. No Algarve e ao norte do Tejo, as irmandades de negros também tiveram presença marcante. No Porto, no decorrer do século XVIII, estavam em atividade pelo menos quatro irmandades: uma do Rosário e São Benedito, na igreja do Convento dos franciscanos na Freguesia de São Bartolomeu; outra, sob a invocação do Rosário dos pretos no convento

13. LAHON, D.: *O negro...*, *op. cit.*, pp. 50-51.

14. *Idem*, p. 15.

15. FONSECA, J.: «Senhores e escravos no Algarve (1580-1700)», *Anais do Município de Faro*, 26, 1996, p. 153.

16. LAHON, *O negro...*, *op. cit.*, pp. 15.

17. FONSECA, J.: *Escravos em Évora no século XVI*. Évora, 1997, p. 15.

18. SAUNDERS, *Historia social...*, *op. cit.*, p. 83.

dominicano da Freguesia da Sé; uma dedicada a São Gonçalo Garcia dos homens pardos, e uma quarta, também dedicada ao Rosário de Nossa Senhora, na igreja paroquial de Massarelos¹⁹.

A classificação de «cor», como quesito importante na organização das confrarias leigas, certamente adveio com o crescimento do número de africanos no Reino e sua entrada na cristandade. Até então, nas irmandades lusitanas, eram diversos os critérios de pertença. Podiam estar baseados na hierarquia do antigo regime, em vínculos corporativos ou de afinidade profissional, no gênero, ou ainda, na origem nacional²⁰.

A festa do Corpo de Deus era um momento importantíssimo do ponto de vista cívico e religioso nos municípios portugueses. Na procissão desfilavam todas as irmandades formalmente constituídas, além da câmara e membros de diversos corpos militares. O desfile das 143 irmandades que acompanharam a procissão do Corpo de Deus, em Lisboa, no ano de 1719 oferece uma pequena mostra da mencionada diversidade de critérios. Desfilaram, entre tantas outras, a Irmandade da Senhora da Saúde, «que se compõem de muita fidalguia da Corte»; a de São Miguel dos nobres, a de Nossa Senhora da Oliveira dos Sapateiros, a de São José dos Carpinteiros, a confraria de Santo André «que é da nação Flamengo»²¹. Não resta dúvidas de que as instituições portuguesas foram profundamente afetadas pela expansão ultramarina. Além de «descobrir» novos mundos, os portugueses levaram para dentro do pequeno reino gentes provenientes destes mundos. Nesta mesma procissão de 1719 desfilaram igualmente as irmandades de Jesus Maria José, do Convento do Carmo, Rosário do Convento da Trindade e São Benedito do Convento de São Francisco sendo «que todas as três eram de homens pretos»²². A presença dos africanos no Reino deu início a um capítulo particular da história social portuguesa.

2. IRMANDADES NEGRAS E IDENTIDADES AFRICANAS

No primeiro Domingo de outubro de 1730 os irmãos do Rosário do Convento do Salvador celebraram a festa de Nossa Senhora do Rosário. Era prática comum o convite a outras irmandades para participarem da festa do padroeiro. Para a animada festa de 1730, o Rei Angola, da Confraria do Salvador, mandou uma

19. LAHON, D.: *Irmandades...*, *op. cit.*, pp. 140-141.

20. PENTEADO, P.: «As confrarias portuguesas na época moderna: problemas, resultados e tendências de investigação», *Separata de Lusitânia Sacra*, 2a série, Lisboa, 1995, p. 30.

21. BARBOSA, I. M.: *História crítico-cronológica da instituição da festa, procissão e ofício do Corpo Santíssimo de Cristo no Venerável Sacramento da Eucaristia*. Lisboa, 1769, pp. 170-172.

22. *Ibidem*.

carta convite ao Rei Mina, da Confraria de N. S. de Guadalupe e São Benedito, do Convento dos franciscanos²³. A mesma irmandade do Convento do Salvador, ainda no século XVIII, costumava identificar-se como «Confraria de N. S. do Rosário dos Homens Pretos do Reinado do Congo»²⁴. A raridade de registros sobre as etnias ou procedência nas irmandades negras em Portugal faz pensar sobre a relevância desta marca de identidade nesta comunidade escrava em específico²⁵.

Primeiro é preciso considerar as limitações impostas pelos registros documentais. Lahon, após cuidadosas investidas, afirma não ter encontrado livros de assentos de irmãos, ou outros registros de identificação individual dos associados²⁶. Este tipo de registro permite observar a vigência de critérios, explícitos ou implícitos, de restrição à entrada ou acesso aos cargos de mesa. Da mesma forma, os raros compromissos preservados tampouco fazem menção a critérios étnicos ou de procedência na entrada de novos associados. A importância do critério étnico e de procedência na organização das irmandades, em várias e distintas regiões da América Portuguesa, remete a uma diversidade de contextos, frequentemente marcados pela grande concentração de cativos e libertos e variados fluxos de imigrantes africanos em períodos distintos ou em situação de coexistência. Fatores relacionados à dinâmica da comunidade escrava também têm sido apontados pela bibliografia como fatores importantes na configuração das preferências étnicas e de origem dentro das irmandades²⁷.

23. LAHON, D.: *Esclavage et Confréries Noires au Portugal durant l'Ancien Régime (1441-1830)*. Paris, Ecole Des Hautes Etudes En Sciences Sociales, 2001. (Thèse pour l'obtention du grade de Docteur de l'EHESS), p. 501.

24. Instituto dos Arquivos Nacionais Torre do Tombo [em diante IAN/TT] Desembargo do Paço, maço 215, doc. 3, Petição dos Confrades da Confraria de Nossa Senhora do Rosário dos Homens pretos, solicitando provisão de licença para pedirem esmola para festa da Senhora, 19 de agosto de 1783.

25. Sobre os Reinados do Congo em Portugal ver: PIMENTEL, M. do R.: «El Rei do Congo em Portugal e no Brasil. Da realidade à ficção», em PIMENTEL, M. d. R.: (org.): *Portugal e Brasil no Advento do Mundo Moderno*. Lisboa, Colibri, 2001, pp. 371-392. Sobre os Reinados Negros no Brasil ver, SOUZA, M. M.: *Reis Negros no Brasil Escravista, História da Festa de Coroação do Rei Congo*. Belo Horizonte, 2002.

26. LAHON, D.: *Esclavage et Confréries Noires au Portugal durant l'Ancien Régime (1441-1830)*, p. 501.

27. Ver, entre outros: MULVEY, P. A.: *The black lay brotherhoods of Colonial Brazil: a History*, New York, 1976; SCARANO, J.: *Op. cit.* REIS, J. J.: «Identidade e diversidade étnicas nas irmandades negras no tempo da escravidão», *Tempo*, 2/3, Rio de Janeiro, 1997, pp. 7-33; LIMA, C. A. M.: «Em certa corporação: politizando convivências em irmandades negras no Brasil escravista (1700-1850)», *História: Questões e Debates*, 30, Rio de Janeiro, 1999, pp. 1-38; SOARES, M. C.: *Devotos da cor. Identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII*. Rio de Janeiro, 2000; SOUZA, M. M.: *Reis Negros no Brasil Escravista, História da Festa de Coroação*

Ainda que de forma fragmentada, é possível reconhecer que as identidades africanas tiveram um lugar na organização das confrarias negras em Portugal. A predominância do tráfico com África Central, a partir do século XVII, levou a concentração de um grande número de africanos dessa origem em Lisboa e em outras partes do reino. As coroações de reis e rainhas do «do Congo e de Angola», preservadas dentro das irmandades, dão mostra do vigor deste grupo em termos numéricos e culturais. No século XVIII, reis «congos e angolas» eram coroados nas irmandades do Porto, Braga, e Vila Viçosa, além de Lisboa, é claro²⁸. O Rei «mina» na irmandade de N. S. de Guadalupe e São Benedito também chama a atenção para a importância deste agrupamento na Lisboa setecentista. Lamentavelmente, a ausência de estudos sobre o tráfico de escravos para a Península Ibérica não permite avançar muito na discussão.

De todas as maneiras, é possível sugerir que, dada as particularidades da escravidão no reino, sobretudo no que diz respeito ao número e a concentração urbana dos cativos, a união em comunidades mais abertas tenha sido uma estratégia de sobrevivência mais eficaz. É bom lembrar que a identificação étnica é apenas uma das múltiplas identidades que o escravo e o liberto poderiam assumir no decorrer de suas vidas²⁹.

3. AS IRMANDADES E A DEFESA DOS ESCRAVOS E LIBERTOS EM PORTUGAL

No início do século XVIII, a população negra em Lisboa possuía pelo menos 9 confrarias exclusivas. Para responder a pergunta fundamental sobre a importância destas associações entre os escravos e libertos negros, cabe, primeiramente, compreender qual é sua particularidade em relação às confrarias em geral.

Em meados do século XVIII, as confrarias católicas estavam espalhadas por todo território português. Neste período, chegaram a congregar milhares de indivíduos. Ao investigar os motivos de adesão às confrarias católicas, Penteadó concluiu que a busca de proteção divina, o auxílio nos momentos difíceis da vida, a garantia de um funeral cristão e a multiplicação dos tempos de sociabilidade eram os grandes fatores de motivação. Segundo o autor, as irmandades abriam uma possibilidade

do Rei Congo, Belo Horizonte, 2002; QUINTÃO, A. A.: *Lá vem parente. As irmandades de pretos e pardos no Rio de Janeiro e em Pernambuco (século XVIII)*. São Paulo, 2002; REGINALDO, L.: *Os Rosários dos Angolas. Irmandades de africanos e crioulos na Bahia Setecentista*. São Paulo, 2011.

28. LAHON, O negro..., *op. cit.*, p. 71.

29. LOVEJOY, P.: «A jornada de Mahommah Gardo Baquaqua para as Américas», *Afro-Ásia*, 27, Salvador, 2002, p. 34.

de exercício de poder para os grupos sociais menos privilegiados «aumentando assim seus níveis de protagonismo social»³⁰.

As irmandades de escravos e forros, à semelhança das irmandades de brancos, também cumpriam um papel religioso e de ajuda mútua. A importância e a forma do exercício de poder protagonizado pelas confrarias negras parecem ter sido o grande diferencial em relação às confrarias dos brancos. A conquista de alguns privilégios régios permitiu que as confrarias de negros em Portugal se tornassem «para seus irmãos escravos, um lugar de proteção e apoio jurídico, podendo sujeitar as suas causas ao Desembargo do Paço»³¹.

No ano de 1772 a Irmandade de Jesus Maria José dos homens pretos, sita no Convento de Jesus encaminhou ao Desembargo do Paço uma petição em defesa do irmão Vicente Correia, casado com Josefa Maria, e pai de Anna Rita, Joana Maria da Encarnação e Francisco José. A irmandade solicitava que o proprietário de Vicente Correia, Félix Coutinho de Azevedo, fosse impedido de vender Vicente e sua família para o Pará ou o Maranhão. A solicitação se fundava no privilégio concedido primeiramente à Irmandade do Rosário do Convento de São Domingos, ainda no século XVI, de «resgatar os irmãos cativos que os senhores quisessem vender para fora do reino»³².

O resgate de confrades, mesmo contra vontade dos senhores, foi o privilégio mais polêmico alcançado pelas confrarias negras em Portugal. Concedido à confraria do Convento de São Domingos no século XVI, nos séculos seguintes, foi estendido a algumas e reivindicado por várias confrarias de Lisboa e de outras partes do país³³. Os irmãos de São Benedito e N. S. de Guadalupe encaminharam petição do Desembargo do Paço reivindicando os mesmos privilégios das Irmandades do Rosário dos Conventos do Salvador, da Santíssima Trindade, de Santa Joana e da Graça «não só para exercitarem as meritórias obras de libertarem seus irmãos que viviam nos cativeiros, pagando a seus senhores a justa estimação deles, mas para todas as mais, de que os privilégios se compunham»³⁴. A resposta

30. PENTEADO, *As confrarias...*, *op. cit.*, pp. 28, 30.

31. LAHON, D.: *O negro...*, *op. cit.*, p. 129.

32. IAN/TT, Desembargo do Paço, Maço 1016, doc. 17, Parecer do Corregedor do Civil da cidade escusando a petição da Irmandade de Jesus Maria José dos Homens Pretos, sita no Convento de Jesus de Lisboa, 08 de julho de 1772.

33. IAN/TT, Desembargo do Paço, Maço 1006, doc. 31, Petição da Irmandade de N. S. do Rosário dos homens pretos cita no Mosteiro da Anunciada, solicita confirmação do privilégio para poderem comprar a liberdade de seus irmãos que os senhores quiserem vender para fora do Reino. 18 de novembro de 1756.

34. IAN/TT, Desembargo do Paço, Maço 1345, doc. 19, Petição da Irmandade de São Benedito e N. S. de Guadalupe sita no Convento de São Francisco de Lisboa, 1778. Pedem os mesmos privilégios das irmandades do Rosário dos Homens pretos de Lisboa, Anexos: Certidões dos privilégios

da Mesa do Desembargo é expressiva dos cerceamentos impostos as irmandades negras em Portugal na luta pela liberdade de seus irmãos. A Mesa considerou em seu parecer que:

A graça que os suplicantes requerem, de algum modo impede a livre faculdade que os Senhores dos Escravos tem para os venderem, a quem lhes parecer (...). Será conveniente se verifique somente nos dois casos: ou em que os ditos Senhores dos Escravos os tratem com excessos de castigos corporais, que se façam ofensivos das regras da humanidade; ou quando por ódio e vingança queiram vender para fora do domínio do Reino³⁵.

No decorrer dos séculos, os privilégios régios, sobretudo no que dizia respeito ao resgate dos irmãos cativos, sofreram várias restrições, sempre a favor do direito de propriedade dos senhores. Segundo Lahon, após o século XVII, o privilégio de resgate dos irmãos cativos esteve sempre condicionado aos maus tratos ou à «venda que afastava o irmão para longe de Lisboa ou Barra fora, na maioria das vezes para o Brasil»³⁶.

A comprovação dos maus tratos não era coisa fácil. Afinal, era a palavra do senhor contra a do escravo. O embate da Irmandade do Rosário do Convento da Trindade em favor da liberdade do irmão Luiz João José Ozare é exemplo desta dificuldade. Luiz João José Ozare era escravo do tenente João Batista, que prestava serviço nas naus da Armada Real. Na condição de cativo do tenente, Luís João acompanhou seu senhor em viagens às Índias e América, chegando a viver por algum tempo na cidade da Bahia. Na petição de resgate, a irmandade alegava que o irmão Luís João sofria maus tratos por parte do senhor, alegava também a necessidade de seus serviços para a irmandade. O requerimento dos suplicantes foi, no entanto, escusado. Em sua defesa, ao que tudo indica, plenamente acatada pela Mesa do Desembargo, entre outros argumentos, o tenente João Batista alegou que seu escravo nunca havia se assentado na irmandade requerente do resgate – o que, por princípio, inviabilizaria todo o processo³⁷. Nunca saberemos se Luiz João realmente forjou seu assento na irmandade para se beneficiar do privilégio

concedidos em cartas e alvarás as Irmandades do Rosário dos Conventos de São Domingos, do Salvador, da Trindade, de Santa Joana, da Graça e de São Francisco de Évora.

35. IAN/TT, Maço 2109, doc. 23, Parecer da Mesa do Desembargo do Paço a respeito da petição da Irmandade de São Benedito e N. S. da Guadalupe, ereta no Convento de São Francisco da cidade de Lisboa, 03 de março de 1779.

36. LAHON, *O negro...*, *op. cit.*, p. 130.

37. IAN/TT, Desembargo do Paço, Maço 1016, doc. 17, Irmandade de N. S. do Rosário dos homens pretos do Convento da Santíssima Trindade, em favor do irmão Luíz João José Ozare, escravo de João Batista.

do resgate de cativos. Verdade ou não, o certo é que este foi o caminho que ele buscou para chegar à liberdade.

Também não foi possível saber qual a decisão final da mesa sobre o resgate de Vicente e sua família, ameaçados de serem vendidos para as terras do Pará ou Maranhão³⁸. Sabemos tão somente que, no final do século XVIII, os apelos dos escravos assentados nas irmandades de Portugal, e ameaçados de serem vendidos para o Brasil, não foram ouvidos pelos ministros do Desembargo que entendiam que «os Brasis são conquistas deste Reino»³⁹

A maioria das histórias registradas nos numerosos processos de resgate de irmãos cativos não tem final feliz para os requerentes. Na verdade, na maioria delas nem sequer foi possível saber realmente qual foi o final. O que chama a atenção, no entanto, é o número de petições e a insistência das irmandades nos processos de resgate de irmãos cativos. Este fato indica que as irmandades católicas constituíram o mais importante canal de defesa dos escravos em Portugal. No decorrer dos séculos XVIII e XIX, esta importância circulava o Atlântico. Após a promulgação da lei de 19 de setembro de 1761, escravos oriundos do Brasil na companhia de seus senhores, particularmente após 1822, recorreram às irmandades para garantir sua liberdade⁴⁰.

Independente da invocação, as irmandades de negros em Portugal foram lugares de proteção e apoio jurídico dos irmãos escravos e libertos⁴¹. É preciso ressaltar, no entanto, que além da precedência, a invocação do Rosário foi a mais popular entre a população negra em Portugal. Talvez, por esta razão, a invocação foi se associando à proteção e defesa das populações negras espalhadas pelo Império. Depois de ser compulsoriamente obrigado a atravessar o Atlântico, encontrar uma irmandade do Rosário poderia ser um conforto para muitos.

38. IAN/TT, Desembargo do Paço, Maço 1016, doc. 17, Parecer do Corregedor do Civil da cidade escusando a petição da Irmandade de Jesus Maria José dos Homens Pretos, sita no Convento de Jesus de Lisboa, 08 de julho de 1772.

39. IAN/TT, Desembargo do Paço, Maço 2091, doc. 29, Petição da Irmandade do Rosário a Resgatada dos homens pretos do Convento da Santíssima Trindade em Lisboa, 20 de setembro de 1761.

40. Lei de proibição de importação de escravos em Portugal. Ordenava ainda que todos os cativos que desembarcassem nos portos portugueses «fique pelo benefício libertos e forros sem necessitarem de outra alguma carta de manumissão, ou alforria, nem de outro algum despacho, além das certidões dos Administradores, oficiais, das Alfândegas dos lugares que portarem (...)». TINHORÃO, J. R.: *Os Negros em Portugal. Uma presença silenciosa*. Lisboa, 1997, pp. 87-88.

41. Sobre a atuação das irmandades nos tribunais lisboetas em defesa da liberdade dos irmãos cativos, ver: PINHEIRO, F. A. D.: *Em defesa da liberdade. Libertos e livres de cor nos tribunais do Antigo Regime português (Mariana e Lisboa, 1720-1819)*. Campinas, 2013. (Tese de Doutorado em História).

4. A SENHORA DO ROSÁRIO E OUTRAS DEVOÇÕES NEGRAS EM PORTUGAL

Devoção dominicana no seu princípio, desde o século XVI o Rosário passou a ser uma das principais invocações do movimento de conquista e conversão dos gentios, passando então a ser divulgada por todas as ordens religiosas missionárias. O sucesso do Rosário entre os «gentios conversos» explica-se, num primeiro momento, pelo destaque desta invocação nas atividades missionárias. Posteriormente, os próprios africanos e seus descendentes parecem ter reconhecido nas irmandades dedicadas à senhora Mãe de Deus, com a invocação do Rosário, um espaço próprio e reservado.

A devoção ao Rosário surgiu no início do século XIII, no contexto dos combates às «heresias» modernas. Conta a tradição católica que Domingos de Gusmão, religioso dominicano e pregador na região de Albi, sul da França (local onde se proliferam os «heréticos albigenses e cátaros»), teve uma revelação da Virgem que lhe ensinou um método de oração no qual seria invocada com a ajuda de contas unidas por um cordão⁴². A devoção esteve praticamente esquecida até a segunda metade do século XV. Neste período, os dominicanos alemães, temerosos das ameaças provocadas pelo cisma precursor da Reforma Protestante, decidiram revigorar a devoção revelada a Domingos de Gusmão. Em 1475 a primeira confraria do Rosário foi fundada em Colônia, na Alemanha⁴³. Após a batalha de Lepanto, em outubro de 1571, embate que encerrou definitivamente o domínio dos turcos no mar Mediterrâneo, Nossa Senhora do Rosário passou a ser associada à luta dos católicos contra os infiéis sendo «escolhida» como padroeira das novas conquistas espirituais⁴⁴.

Em Portugal a devoção ao Rosário já estava estabelecida no final do século XV. Em 1490, «os nobres e o povo acudiram à intercessão da Virgem, por ocasião da peste que nesse ano assolou Lisboa, e logo resolveram levantar, como levantaram, uma capela com grande aparato»⁴⁵. Desde então, o culto ao Rosário foi muito popular em Portugal. Foi adotada como padroeira de vários segmentos sociais e profissionais, como os marinheiros no Porto. Em todo o reino criaram-se igrejas dedicadas a seu culto. As irmandades sob sua invocação foram as mais importantes e numerosas, rivalizando com as confrarias do Santíssimo Sacramento e das

42. SOUZA, J. B. A.: «Viagens do Rosário entre a Velha Cristandade e o Além-Mar», *Estudos Afro-Asiáticos*, 23/2, Rio de Janeiro, 2001, p. 382.

43. SOUSA, L.: *História de São Domingos*. Porto, Lello e Irmão Editores, 1977, vol. I, pp. 353-354.

44. SOUZA, *Viagens... op. cit.*, p. 385.

45. TINHORÃO, *Os Negros... op. cit.*, p. 140.

Almas⁴⁶. No século XVIII, o culto ao Rosário se espalhou por todo Portugal, já então, havia se estabelecido uma associação entre esta devoção e a população de escravos e libertos do Reino. A maioria das irmandades de negros de Lisboa, e do restante do país, era dedicada a Nossa Senhora do Rosário. Algumas, como a Confraria de N. S. do Rosário e dos Santos Reis Magos, em Lisboa, ou a de N. S. do Rosário e São Benedito, no Porto, associavam a Virgem a outras devoções; ainda assim, o número de confrarias dedicadas ao Rosário em todo país atesta a primazia da devoção⁴⁷.

Parece mesmo que a população negra foi se apropriando do culto ao Rosário como prerrogativa particular. Segundo Frei Agostinho de Santa Maria, isto se passou com a imagem que se encontrava no Mosteiro da Santíssima Trindade em Lisboa. Neste convento, na capela dos Reis, estava colocada uma imagem de Nossa Senhora praticamente esquecida dos fiéis. «Depois dessa bem culpável frieza e esquecimento para com aquela Santíssima Imagem da Mãe de Deus, ascendeu o mesmo Deus um grande fogo nos corações dos pretinhos e eles tomaram muito por sua conta servir à Mãe de Deus e lhe deram o título do Rosário»⁴⁸.

Buscando interpretar as razões desta associação tão estreita e duradoura, Saunders lançou a hipótese de que «a natureza semi mágica, quase talismânica do rosário pode ter constituído um apelo aos africanos acostumados a feitiços»⁴⁹. O uso mágico do rosário, assim como de outros símbolos cristãos, não seria exatamente uma exclusividade da devoção dos negros, como têm demonstrado os diversos estudos sobre as práticas religiosas populares na Península Ibérica e na América Portuguesa⁵⁰. Entretanto, não deixa de ser uma hipótese interessante considerar a transformação do Rosário de modo semelhante à que ocorreu com outros objetos sagrados do cristianismo em minkisi.

José Ramos Tinhorão propôs uma interpretação de difícil sustentação, se é que assim podemos dizer, sobre a primazia da devoção ao Rosário entre os negros

46. SCARANO, J. *Devoção e Escravidão. A Irmandade de N.S. do Rosário dos Pretos do Distrito Diamantino no Século XVIII*. São Paulo, 1978, p. 39-40.

47. A partir da segunda metade do século XVI são eretas, no interior de Portugal, inúmeras irmandades dedicadas ao Rosário de Nossa Senhora exclusivas de negros escravos e libertos. Uma listagem completa, além de exaustiva, correria o risco de omissões importantes. Apenas para mencionar algumas das mais importantes cito as irmandades do Rosário localizadas em: Évora, Elvas, Estremoz, Montemor – o Novo, Vila Viçosa, Lagos, Faro, Setúbal, Alcácer do Sal e Moura. Ver: SANTA MARIA, A.: *Santuário Mariano e História das Imagens Milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores & devotos da mesma Senhora*. Lisboa, 1707, Tomos I a VII. Brasília, 1944: 99-104. LAHON, O negro..., *op. cit.*, p. 70.

48. SANTA MARIA, *op. cit.*, tomo VII.

49. SAUNDERS, *Historia social...*, *op. cit.*, p. 206.

50. SOUZA, L. M.: *O Diabo na Terra de Santa Cruz*. São Paulo, 1995.

em Portugal e nas Américas. Segundo Tinhorão, «os negros se fixaram em Nossa Senhora do Rosário pela ligação estabelecida com seu orixá Ifá, através do qual era possível consultar o destino atirando soltas ou unidas em rosário as nozes de uma palmeira chamada okpê-lifa»⁵¹. A tese de Tinhorão também peca pelo anacronismo e pelo equívoco no tocante ao tráfico atlântico de escravos.

A importância e vigor do culto ao Rosário são anteriores à presença dos grandes contingentes de cativos oriundos da África Ocidental entre as populações negras nas Américas. Ainda no caso da Península Ibérica, nenhum dado conhecido permite confirmar a relevância destas populações no âmbito das irmandades negras no decorrer dos séculos XVI a XVIII. Além disso, a hipótese de Tinhorão, no fundo, está sustentada na velha tese da integração do negro ao catolicismo por meio de «justaposição de exterioridades». Nesse caso, o que conta, é o efeito sedutor da aparência do rosário não a experiência histórica de elaboração da identificação.

De um ponto de vista mais histórico, Lahon observa que a associação em irmandades de devoção ao Rosário não foi, nos primeiros tempos, uma escolha dos negros. Na época, as confrarias religiosas eram muito seletivas. Recrutavam seus membros entre um grupo homogêneo, no qual o estatuto social e profissional constituía um critério determinante. (...) Cada membro devia contribuir financeiramente, o que concorria para afastar os mais desprovidos. Em resumo, as confrarias eram instituições «fechadas» e ninguém aí entrava sem satisfazer vários critérios de seleção, entre eles o de limpeza de sangue⁵². As confrarias do Rosário, por regra estabelecida em sua formação, não levavam em consideração critérios de riqueza e estatuto social. Admitia todos os cristãos «assim homens, como mulheres, de qualquer estado e condição que sejam, grandes, e pequenos». Ninguém deveria ser obrigado a pagar coisa alguma para entrar na confraria de modo que nenhum pobre deixasse de sê-lo por estes motivos⁵³.

Além da Senhora do Rosário, outras devoções foram ganhando corpo entre as populações de escravos e libertos no Reino. São Benedito ocupou, sem sombra de dúvidas, o segundo lugar. Filho de pais mouros do norte da África, nasceu em torno de 1526, na pequena vila chamada San Fratello, situada entre Messina e Palermo. Foi frade menor da observância no Convento de Santa Maria de Jesus, perto de Palermo. Morreu em 1589 sendo beatificado em 1763 e canonizado no início do século XIX, em 1807⁵⁴. A força de sua devoção na Península Ibérica e nas

51. TINHORÃO, *Os Negros...*, *op. cit.*, p. 138.

52. LAHON, *O negro...* *op. cit.*, pp. 59-60.

53. DIAS, Fr. N.: *Livro do Rosário de Nossa Senhora* [1573]. Lisboa, 982. Edição fac-similada da 1.ª edição, p. 30-31.

54. MORABITO, V.: «San Benedetto il Moro, da Palermo, protettore degli africani di Siviglia, della penisola ibérica e d'América latina», em ARES QUEIJA, B. y STELLA, B.: *Negros, mulatos*,

Américas, precede e ultrapassa o aval romano, como demonstra o grande número de irmandades a ele dedicadas⁵⁵.

Em Portugal, a primeira irmandade dedicada a São Benedito foi instituída no ano de 1609 no Mosteiro de Santa Joana, em Lisboa⁵⁶. Não consta que esta tenha sido uma irmandade preferencialmente de negros, como a que se formou no convento de São Francisco, na mesma cidade de Lisboa⁵⁷. Segundo os estatutos da antiquíssima Irmandade de N. S. do Rosário e São Benedito da cidade do Porto, reformados no ano de 1781, os brancos eram admitidos em lugares de destaque na confraria. Os cargos de juiz, tesoureiro, escrivão e mordomos deveriam ser ocupados por «homens dos principais da cidade (...) todos brancos e abonados»⁵⁸.

Algumas ordens religiosas tiveram um importante papel na propagação de devoções negras. A importância dos franciscanos na propagação do culto a São Benedito justifica-se, primeiramente, por ser este santo um religioso desta ordem. Em Portugal, a exemplo de Lisboa e cidade do Porto, bem como em outras partes da América Portuguesa, foi possível identificar irmandades dedicadas à São Benedito em conventos franciscanos⁵⁹. Na Bahia, além da irmandade sediada no Convento da cidade do Salvador, outros dois conventos da ordem patrocinaram a organização de confrarias dedicadas à São Benedito. No convento de Santo Antônio da Vila de Cairu, ao sul da capitania, e no convento do Bom Jesus, Capitania de Sergipe del Rei, os religiosos franciscanos deram abrigo a irmandades dedicadas ao santo preto de Palermo⁶⁰. A devoção ao santo preto, apesar de sua presença em vários

zambaigos. Derroteros africanos em los mundos ibéricos, p. 223. Ver também: BUTLER, A.: *A vida dos santos*. Vozes, 1984, vol. 4: 48-50.

55. Segundo Vittorio Morabito, o culto a São Benedito se propagou no Novo e no Velho Mundo à margem dos ditames do catolicismo oficial. MORABITO, *op. cit.*, p. 224.

56. LAHON, *Irmandades...*, *op. cit.*, p. 136.

57. Uma irmandade dedicada à N. S. de Guadalupe foi instituída no Convento de São Francisco de Lisboa na década de 1580. Anos mais tarde, esta mesma irmandade adota, ao lado Virgem de Guadalupe, a invocação a São Benedito. É possível que esta adoção tenha sido consequência da popularidade do santo entre os escravos negros em Portugal.

58. IAN/TT, Província de Portugal – São Francisco do Porto, Adição e reforma feita aos capítulos do Compromisso, ou Estatutos da Irmandade de N.S. do Rosário e São Benedito no Convento de São Francisco da cidade do Porto (...) feita neste presente ano de 1781, capítulo 5.º.

59. No Bispado de Pernambuco foram duas as irmandades dedicadas a São Benedito eretas em conventos da Ordem de São Francisco: no Convento de Santo Antônio na Vila de Ipojuca e no Convento de Santo Antônio da cidade do Recife. IAN/TT, Chancelarias Antigas – Ordem de Cristo, livro 283, fls. 163-167, *Compromisso da Irmandade de São Benedito no Convento de Santo Antônio da Vila de Ipojuca*; IAN/TT, Chancelarias Antigas – Ordem de Cristo, livro 283, fls. 167-173, *Compromisso da Irmandade de São Benedito no Convento de Santo Antônio da cidade do Recife*.

60. IAN/TT, Chancelarias da Ordem de Cristo, D. Maria I, livro 14, fls. 41-51v, *Compromisso da Irmandade de São Benedito ereta no Convento do Bom Jesus na Comarca de Sergipe Del Rey*,

conventos da ordem, no decorrer dos séculos XVIII e XIX, ganhou independência dos frades e grande popularidade entre os negros.

No início do século XVIII, havia uma imagem de Santa Ifigênia colocada num dos altares da igreja do Carmo em Lisboa. A imagem da santa africana era «continuamente buscada de muitas pessoas, a quem [consta ter feito] portentosos benefícios»⁶¹. Nesta mesma igreja do Carmo, um seletto grupo de senhoras ilustres instituíram uma confraria para devoção especial da princesa do reino da Núbia. Para estímulo dos fiéis e propagação da devoção, na portaria do Convento dos carmelitas em Lisboa estava à venda o livro do Frei José Pereira de Santa Ana sobre a vida de Santa Ifigênia com o título de *Segundo Atlante de Etiópia Santa Ifigênia*⁶². Numa edição mais condensada e popular vendia-se também «um livrinho com o título de *Mestre da Morte e Medianeira da vida eterna*, onde está a devoção, que se costuma fazer a esta santa»⁶³.

A devoção teve início na cidade de Cadiz, na Espanha «onde na Igreja paroquial da Virgem Senhora do Rosário existe de Santa Ifigênia um bem paramentado altar, no qual com louvável frequência de toda Nobreza, e Plebe se lhe dedicam, não só os obséquios anuais, e estrondosas festas, mas também os quotidianos de incessantes votos, e intermináveis rogativas»⁶⁴.

Santo Elesbão foi igualmente uma devoção estimulada pelos carmelitas. Segundo a tradição carmelita, era natural da Etiópia e 46.º neto do Rei Salomão e da Rainha de Sabá, sendo imperador de seu país no século VI. «Foi creditada a Elesbão a extensão do reino cristão da Etiópia até o lado oposto do Mar Vermelho, impondo-se aos árabes do Iémen. (...) Ao final da vida, o imperador etíope teria renunciado ao trono em favor de seu filho, doando sua coroa à Igreja e tornando-se anacoreta»⁶⁵. Assim

Arcebispado da Bahia, IAN/TT, Chancelarias Antigas, Livro 280, fls. 349v- 353; Compromisso da Irmandade do Glorioso São Benedito ereta no Convento de Santo Antonio da Vila de Cairu, 1777.

61. *A Inclita Virgem Santa Ifigênia, Princesa do Reino da Núbia, Religiosa Carmelita, de Cor Preta*. Folheto anônimo, Lisboa, s/d. Identificado como impresso do século XVIII.

62. SANTA ANNA, J. P. de.: *Segundo Atlante de Ethiopia Santa Ifigênia, Princeza do Reyno da Núbia; Religiosa Carmelita, Advogada contra os incêndios*. Tomo Segundo Que trata da história do Atlante Segundo, Lisboa Occidental, Na Off. De Antonio Predozo Galram. 1738.

63. *A Inclita Virgem, op. cit.*

64. *Ibidem.*

65. OLIVEIRA, A. J. M. de: «Os Santos Pretos Carmelitas»: *culto dos santos, catequese e devoção negra no Brasil Colonial*. Niterói, 2002. (Tese de Doutorado em História), p. 157. Santo Elesbão também teve sua hagiografia escrita pelo Frei José Pereira de Santa Anna na esplêndida brochura: SANTA ANNA, J. P.: *Os dous atlantes de Ethiopia. Santo Elesbão, Emperador XLVII da Abessina, Advogado dos perigos do mar, e Santa Ifigênia, Princeza da Núbia, Advogada dos incêndios dos edificios, Ambos Carmelitas*. Lisboa, 1745. O primeiro tomo é todo dedicado a Santo Elesbão.

como Ifigênia, foi homenageado com um altar na igreja do convento do Carmo em Lisboa, em torno do qual se organizou uma irmandade para cuidar de sua devoção⁶⁶.

É possível que as devoções adotadas pelos negros na Península Ibérica e nas Américas tenham sido, no princípio, um espaço demarcado. Mas, também é possível que, aos poucos, o espaço demarcado tenha se tornado um espaço reconhecido. A identificação foi se dando na experiência cotidiana da escravidão. Neste ambiente, as irmandades jogaram um papel fundamental na defesa dos interesses das populações escravas e libertas. Por outro lado, a manutenção destes espaços permitiu a criação de uma experiência do catolicismo certamente imbuída de valores africanos. Infelizmente, os registros produzidos pelos irmãos negros não deixam escapar quase nada sobre suas práticas devotas mais particulares. Também neste aspecto é possível falar de uma experiência atlântica das irmandades de negros.

5. CATOLICISMO E IRMANDADES EM LUANDA

Fundada em 1576, a vila de São Paulo de Assunção de Luanda foi elevada à categoria de cidade no ano de 1605. Primeira fundação urbana europeia no ocidente africano, seu estabelecimento foi estratégico para os objetivos da coroa portuguesa na região. A excelente localização geográfica oferecia a necessária segurança para o futuro centro político-administrativo e militar da conquista. As ótimas condições proporcionadas pelo seu porto natural, e a posição privilegiada para o movimento de penetração pelo interior, através do rio Kuanza, asseguravam o fornecimento e o tráfico atlântico de escravos, bem como o acesso às lendárias minas de prata de Cambambe⁶⁷.

Após a restauração portuguesa em 1648 e em decorrência da intensificação do tráfico de escravos para a América, Luanda cresceu vertiginosamente, tornando-se «o maior porto negreiro do Atlântico»⁶⁸. Como era de se esperar, os africanos (livres e escravos) formavam a grande massa da população. Vale a pena lembrar que os números da população escrava em Luanda eram sempre flutuantes em razão das demandas e circunstâncias do tráfico.

Luanda foi o mais importante pólo propagador da religião católica na África Central, embora os problemas decorrentes dos longos períodos de vacância nos altos cargos eclesiásticos, a carência crônica de sacerdotes e a pobreza de seus

66. *O Glorioso Santo Elesbão, Imperador da Etiopia Alta, Religioso Carmelita, Preto na Cor.* Folheto anônimo. Lisboa, s/d. Identificado do impresso do século XVIII.

67. VENÂNCIO, J. C.: *A Economia de Luanda e hinterland no século XVIII. Um estudo de sociologia histórica.* Lisboa, 1996, p. 27.

68. ALENCASTRO, L. F.: *O trato dos viventes. Formação do Brasil no Atlântico Sul.* São Paulo, 2000, p. 288.

templos revelem uma estrutura eclesiástica bastante precária se comparada, por exemplo, à capital da América Portuguesa no mesmo período⁶⁹. As autoridades eclesiásticas instaladas na capital do Reino de Angola enfrentaram sérios problemas para a organização do culto católico no decorrer do século XVIII. No início do século, Luanda, sede do Bispado de Angola e Congo, possuía apenas duas freguesias – Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora dos Remédios – cerca de uma dezena de modestos templos e quatro casas religiosas. Falta de missionários, templos em ruína e a duvidosa honradez do clero eram temas frequentes nas correspondências entre as autoridades eclesiásticas e o Conselho Ultramarino⁷⁰. Em 1732, o bispo de Angola, Frei Antonio do Desterro, pede providências acerca da falta de cadeia para clérigos delinquentes e aproveita a ocasião para também solicitar provimentos para a igreja da Sé que se encontrava em «miserável estado de paramentos»⁷¹. Reclames desta natureza, com a mesma frequência e dramaticidade, persistem até o final do século XVIII.

Neste cenário, as irmandades e confrarias leigas também tiveram seu lugar. Seu número, importância e destaque social estiveram de acordo com a precariedade da igreja católica local. Meu interesse por estas associações, no entanto, recaí, sobretudo, em dois aspectos particulares. Tendo em vista a importância dos referenciais de cor e origem nas confrarias leigas em Portugal e na América Portuguesa, me pergunto sobre o lugar destas referências numa sociedade crioula da costa africana.

Na busca de uma história atlântica das confrarias de pretos, ainda que limitada por um reduzido número de registros, procuro identificar a presença e a importância das devoções negras na diáspora ainda em solo africano. Embora escassas, as informações mais detalhadas sobre as irmandades angolanas, nos remetem à cidade de São Paulo de Assunção de Luanda e suas imediações. As devoções marianas parecem ter sido

69. GABRIEL, M. N.: *Padrões da Fé, As Igrejas Antigas de Angola, Luanda*, 1981, p. 7. A propósito, o Bispado de Angola esteve hierarquicamente vinculado ao Arcebispado da Bahia de 1676 até 1845. Por este motivo, o bispo sufragâneo de Angola esteve presente no sínodo diocesano realizado na Bahia em 1707, sendo este bispado também regido pela principal legislação eclesiástica da América Portuguesa no período Colonial. Ver, sobre este assunto: OLIVEIRA, M.: *História Eclesiástica de Portugal*. Lisboa, 1940, p. 339. VAINFAS, R. (ed.): *Dicionário do Brasil colonial: 1500-1808*. Rio de Janeiro, 2000, p. 145; VILHENA, L. dos S.: *A Bahia no século XVIII* [1800]. Salvador, Editora Itapuã, 1969, p. 441.

70. Arquivo Histórico Ultramarino, Angola, cx.28, doc. 3, Ofício do Governador de Angola [Rodrigues de Meneses] ao Conselho Ultramarino sobre a falta de missionário no reino, 2 de março de 1735.

71. AHU, Angola, cx. 31, doc. 7, Ofício do Bispo de Angola ao Conselho Ultramarino acerca da falta de cadeia para os clérigos delinquentes, 23 de fevereiro de 1739; AHU, Angola, cx. 31, doc. 6, Ofício do Bispo de Angola ao Conselho Ultramarino sobre o miserável estado em que se encontravam os paramentos da Sé, 23 de fevereiro de 1739.

muito populares. Pelo menos é o que apontam as escolhas das invocações de várias irmandades luandenses⁷². A maioria destas confrarias não possuía templo próprio, estando assim alocadas em igrejas seculares e conventos das ordens religiosas. A igreja do Colégio de Jesus, abrigou diversas irmandades, entre elas a confraria do Corpo de Deus, que congregava os cidadãos e moradores mais respeitosos da cidade⁷³; a confraria da Senhora do Socorro abrigava «quase toda gente branca da cidade»; e a irmandade de São Francisco Xavier tinha como irmãos «a maior parte da gente [da] cidade. Por seu turno, a confraria do Rosário reunia negros forros e escravos e tinham sob sua responsabilidade uma capela particular onde «[faziam] sua festividade acompanhando as confrarias dos brancos com seus pendões, tendo sermão, missa cantada, com Senhor exposto, com gasto de cera, danças dos mesmos pretos»⁷⁴.

Não bastasse uma, Luanda abrigou uma segunda irmandade do Rosário de devotos negros. Esta irmandade foi instituída pelo bispo D. Frei Francisco do Soveral, em 1628⁷⁵. «A igreja desta invocação era uma espécie de paróquia dos pretos; o capelão era obrigado a confessá-los e acompanhá-los à sepultura e a fazer a catequese na língua indígena»⁷⁶. A paróquia dos pretos estava localizada no bairro do Rosário, zona das Ingombotas, periferia da cidade. Este bairro foi, desde seu surgimento em meados do século XVII, uma espécie de acampamento de escravos⁷⁷. No final do século XVII, segundo o cronista, esta igreja particular era

72. Uma irmandade dedicada a Nossa Senhora da Conceição, ereta na Sé e matriz de Nossa Senhora da Conceição, recebeu da Santa Sé Apostólica indulgência plenária nas quarenta horas de festividade de sua padroeira. Cópia de um Breve de Indulgência Plenária nas Quarenta horas de Festividade de Nossa Senhora da Conceição da Sé desta cidade, que a Irmandade da dita Senhora alcançou da Sé Apostólica, 28/11/1742. Arquivo do Arcebispado de Luanda [em diante AAL], Provisões Antigas, 1743-1745. Num dos altares do Convento de São José, residência dos franciscanos da terceira regra, segunda ordem a se estabelecer em Angola, estava sediada a confraria da Imaculada Conceição. CADORNEGA, A. de O.: *História Geral das Guerras Angolanas* [1680]. Lisboa, 1972, vol. 3, p. 16.

73. Os jesuítas finalizaram a construção de sua igreja, numa das propriedades doadas por Paulo Dias de Novais, na cidade alta, no ano de 1623. O colégio anexo ficou pronto alguns anos mais tarde, em 1659. Ver: SANTOS, E. *As religiões de Angola*. Lisboa, 1969, pp. 108-114.

74. AHU, A., Cx 16, doc. 17, Petição da Irmandade de São Francisco Xavier, 1701; CADORNEGA, *op. cit.*, vol. 3, pp. 14-15.

75. José Carlos Venâncio afirma que se tratava de «uma capela dos jesuítas para servir, sobretudo seus escravos». Acredito que o autor tenha confundido esta igreja com a capela existente no colégio uma vez que, nenhum registo documental conhecido, até o momento, faz qualquer referência a estes vínculos. A instituição da confraria e «paróquia dos negros» pelo bispo Soveral, prova a subordinação da igreja dos pretos à diocese, o que se confirmou na consulta às provisões do século XVIII. VENÂNCIO, *op. cit.*, p. 39.

76. *Relatórios do governador Fernão de Sousa*. Biblioteca da Ajuda, Códice 51-VIII-31, fls. 19-29, vol. II Apud: CADORNEGA, *op. cit.*, vol. 3, p. 28.

77. VENÂNCIO, J. C.: *A Economia de Luanda e hinterland no século XVIII*, p. 39.

«muito bem ornada com bons frontais, púlpito, coro e sacristia»⁷⁸. A provisão de 28 de janeiro de 1744, nomeando Manuel Ferreira Semedo sacristão da igreja do Rosário dos Pretos, faz menção aos altares e ornamentos do templo e confirma suas atividades até esta data⁷⁹. Sobreviveu até, pelo menos, o final do século XVIII, pois neste período, o luso-brasileiro Alexandre da Silva Correa conheceu a Igreja do Rosário, afirmando ser ela «entretida por uma irmandade de Negros», embora, poucas vezes tenha visto o templo aberto⁸⁰.

As irmandades angolanas reproduziram a tônica atlântica. Critérios hierárquicos de origem social, geográfica e cor pautavam a constituição destas associações. Nesse sentido, as características físicas e as diferenças de cor eram conformadas dentro de uma lógica de exclusão e classificação dos povos convertidos⁸¹. A irmandade do Corpo de Deus, uma das mais prestigiadas em todo Império por sua posição de destaque na solene Procissão do Corpo de Deus, admitia apenas os «cidadãos mais respeitosos da cidade». A expressão designava os cidadãos de origem europeia «mais excelentes que os outros», possivelmente os que poderiam apresentar algum exame, ainda que forjado, de uma ascendência nobre⁸². A gente branca de pouco prestígio tinha seu lugar na confraria de Nossa Senhora do Socorro. É muito possível que os pardos – que, apesar de seu grande número e destaque social, não deixaram registro de nenhuma confraria de sua preferência –, tenham se afiliado à irmandade de São Francisco Xavier, que congregava «a maior parte da gente da cidade»⁸³.

A devoção ao Rosário em Luanda esteve associada especialmente aos negros cativos e forros. Tratava-se de uma devoção reservada aos africanos inseridos na experiência da escravidão, seja na condição de cativos ou de libertos. Nesse sentido, a devoção ao Rosário entre os negros nasceu vinculada às marcas da «conversão-cativeiro». A ereção de uma irmandade do Rosário, porta adentro de uma instituição jesuíta, sugere uma catequese que buscava vincular esta devoção aos escravos. A colaboração dos jesuítas parece ter sido fundamental para a propagação

78. CADORNEGA, *op. cit.*, vol. 3, p. 26.

79. AAL, Códice s/n, fl. 25 v, Provisões Antigas (1743-1745).

80. CORRÊA, E. A. da S.: *História de Angola [1787-1799]*. Lisboa, 1937, p. 105.

81. Yerushalmi afirma que o estatuto de pureza de sangue, apesar de sua base religiosa, constituía uma estigmatização baseada na ascendência, de caráter proto-racial – que, entretanto, era usada não para justificar a escravidão, mas antes para garantir os privilégios e a honra da nobreza, formada por cristãos velhos, no mundo dos homens livres». YERUSHALMI, Y. H.: «L'Antisemitisme racial est-il apparu au xxe siècle? De la limpeza de sangre espagnole au nazisme: continuités et ruptures», *Esprit*, 3-4, Paris, 1993, p. 14.

82. BLUTEAU, R.: *Vocabulário português e latino [1712]*. Rio de Janeiro, 2000. (CD-ROOM), verbete «respeitar».

83. CADORNEGA, *op. cit.*, vol. 3, pp. 14.

da devoção ao Rosário entre os escravos negros nos dois lados do Atlântico. A gramática «da língua de Angola», de autoria do jesuíta Pedro Dias foi «dedicada a Nossa Senhora do Rosário, Mãe e Senhora dos mesmos pretos». A dedicatória sugere que a devoção ao Rosário foi elemento destacado na catequese jesuítica destinada aos africanos⁸⁴.

A devoção ao Rosário, entretanto, não foi exclusiva dos negros. Os capuchinhos que passaram do Congo para Angola, em 1649, construíram um hospício em Luanda, anexo à ermida de Santo Antonio. Na igreja deste convento foi ereta uma irmandade do Rosário dos brancos, que fazia questão de marcar um distanciamento em relação à irmandade dos negros, fazendo sua festa no primeiro domingo de outubro⁸⁵. A irmandade do Bairro do Rosário realizava a festividade de sua Senhora no segundo domingo do mês de outubro⁸⁶.

A invocação à Virgem do Rosário se propagou pelo interior de Angola, sem estar necessariamente vinculada às devoções negras. Sua lembrança nas terras conquistadas pelos portugueses nos sertões africanos estava em perfeita harmonia com o significado oficial de seu título. Desde o século XVI, no espírito contra-reformista de luta contra os protestantes e infiéis, a Virgem Maria, com o especial título do Rosário, foi invocada nas batalhas contra os inimigos da fé católica. Nesse sentido, é importante destacar que Nossa Senhora do Rosário foi orago de dois importantes presídios no interior de Angola, o de Cambembe, às margens do rio Cuanza e Pundo Andongo, antiga capital do Reino do Ndongo. Na região, uma irmandade com o título do Rosário também foi ereta na matriz de Cambembe⁸⁷. Conforme um requerimento de seu Juiz e irmãos, datado de 28 de dezembro de 1784, foi possível saber que possuía escravos «para cuidarem na limpeza interna e externa daquele templo e na lavagem de roupa» – mas os documentos consultados não oferecem elementos, entretanto, para saber se era uma irmandade de brancos, de pardos ou de negros⁸⁸.

84. DIAS, P.: *A Arte da Língua D'Angola*. Lisboa, 1697. Ainda sobre a importância do Rosário na catequese jesuíta, particularmente nos sermões do Padre Vieira, ver: MADURO, C. A. S.: *Sermão Mariano de Vieira: Maria Rosa Mística*. Dissertação de Mestrado. Braga, 1998.

85. AHU, Angola, Caixa 52, doc. 2, Juízo da Coroa. Autos de uma petição de recurso em questão que são partes: Recorrentes o Reverendíssimo Frei Sebastião de Taja, Prefeito das Missões dos reinos e conquistas de Angola e Congo; Recorrido o Reverendíssimo Cabido da Sede Vacante deste Reino (1768-1801), fl. 19.

86. CADORNEGA, *op. cit.*, vol. 3, pp. 16- 17.

87. GABRIEL, M. N.: *Padrões da Fé, As Igrejas Antigas de Angola*. Luanda, pp. 168, 172.

88. Arquivo Histórico Nacional de Angola [en adelante AHNA], Códice 82, f. 108-108v. Ofícios para o interior, Ofício 212.

6. DEVOÇÕES NEGRAS E O CRISTIANISMO CENTRO-AFRICANO

Embora continuasse cara aos brancos, no decorrer dos séculos xvii e xviii, o Rosário foi se constituindo numa devoção preferencialmente de negros, ainda em terras africanas. No final do século xvii, sob o patrocínio dos dominicanos, foi fundada uma confraria do Rosário na Ilha de Moçambique. Faziam parte desta irmandade portugueses e «cristãos da terra». No início do século xviii, na Ilha do Príncipe, uma «fervorosa» irmandade de devotos pretos, dedicada ao Rosário de Nossa Senhora, instituiu oficiais com os títulos de rei, rainha e príncipe⁸⁹. Em São Tomé, os negros sentiam-se tão «donos» da devoção que fizeram o possível para impedir que uma irmandade de brancos, também devotos da Senhora do Rosário, fosse ali instituída no início do século xviii. A confraria dos brancos foi aprovada «sem embargo de ser muito impugnada e perseguida dos pretos da outra irmandade». A irmandade dos negros era bem mais antiga. Em 1526, em resposta a uma petição dos negros locais, «o rei D. João III (1521-1557) permitiu a fundação da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e deu liberdade a todos os seus membros»⁹⁰.

É possível que em Portugal e, principalmente nas Américas, a devoção ao Rosário tenha se tornado uma ponte entre as tradições africanas e o catolicismo português. Elisabeth Kiddy, interpretando a tradição oral dos congadeiros de Minas Gerais à luz da cosmovisão centro-africana, sugere uma instigante interpretação sobre a aceitação inequívoca da devoção ao Rosário de Nossa Senhora pelos escravos e libertos negros. Conta a tradição dos congadeiros que, certo dia, Nossa Senhora apareceu no mar e, depois de várias tentativas frustradas de sacerdotes e músicos brancos, se deixou atrair até a praia pelos tambores africanos. Segundo a autora, a importância do oceano, assim como a influência dos espíritos das águas na cosmologia centro-africana, estabelecerá uma ponte com a crença medieval que associava Nossa Senhora às águas do mar⁹¹. Kiddy, no entanto, reconhece que uma explicação mais convincente para a identidade entre a devoção ao Rosário e os negros exige a consideração de outros aspectos do problema⁹². A importância do Rosário na catequese ministrada aos escravos e, sobretudo, a experiência das

89. SANTA MARIA, *op. cit.*, tomo I, pp. 265-67, tomo V, pp. 445-446.

90. *Idem*, p. 436.

91. No século xv, Nossa Senhora sustentava os títulos de *Míriam Hebréia* e *Slella Maris*. KIDDY, E.: «Congados, Calunga, Candombe: Our Lady of the Rosary in Minas Gerais, Brazil», *Luso-Brasilien Review*, 37/1, 2000, pp. 47-61.

92. Sweet, por exemplo, sugere que o próprio rosário pode ter se transformado, para os africanos e seus descendentes, num talismã, ou seja, num objeto detentor de poderes mágicos à exemplo de outros símbolos do cristianismo. SWEET, J.: *Recreating Africa. Culture, Kinship, and Religion in the Africa-Portuguese World, 1441-1770*. Chapel Hill and London, 2003, p. 207.

irmandades negras na diáspora sugerem novas possibilidades de interpretação e, ao mesmo tempo potencializam o debate e torno das apropriações e recriações do catolicismo pelos africanos e seus descendentes.

Além da Senhora do Rosário, outras devoções caras aos negros na diáspora marcaram presença na África Central. São Benedito nasceu na Sicília em 1524, de pais escravos mouros. Como já mencionei anteriormente, no início do século XVII, algumas décadas após sua morte, ocorrida em Palermo em 1589, sua devoção já havia se tornado popular em Portugal. As primeiras notícias de sua devoção em Angola datam do final do século XVII. Num dos altares da Igreja do Rosário de Luanda, na periferia da cidade, havia um altar dedicado ao santo preto de Palermo⁹³. No presídio de Massangano, ele foi homenageado com uma igreja própria. No início do século XVIII, a igreja de São Benedito de Massangano que «era de pretos, tinha seu capelão»⁹⁴. No ano de 1744, passou-se ao padre João Cristiano Ramos provisão de vigário da igreja de São Benedito do dito presídio, privilégio gozado por pouquíssimos templos do Bispado àquela época⁹⁵. A «lenda» de que a mãe de São Benedito era, na verdade, natural de Kissama, no Reino de Angola, sugere um caminho para a identificação com o santo, além daquela em decorrência da semelhança física⁹⁶. As características físicas também podem ter sido relevantes na identificação com os santos pretos carmelitas Elesbão e Ifigênia. Na segunda metade do século XVIII havia em Luanda uma pequena capela dedicada à Santa Ifigênia⁹⁷. Nesta capela também havia um altar dedicado a Santo Elesbão. Os carmelitas, ao que tudo indica, foram os maiores responsáveis pela propagação destas devoções também na Península Ibérica e nas Américas⁹⁸.

Entretanto, quero acreditar que, na popularização das devoções negras, a identificação física não foi elemento mais importante. No ano de 1768, Dom Francisco de Souza Coutinho, então governador e capitão general do Reino de Angola, remeteu ao Brasil, para ser reformada, uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, evidentemente branca, «que se havia achado confundida com os ídolos dos gentios Moçosos e Maungos»⁹⁹. As re-significações dos símbolos cristãos,

93. CADORNEGA, A. de O.: *História Geral das Guerras Angolanas* [1680]. Lisboa, 1972, p. 27.

94. Biblioteca Pública de Évora [en adelante BPE], Códice CXVI – 2-15, nº 16, Tomo 2. Notícias das igrejas do Bispado de Angola e relação da gente que tem cada Freguesia. São relações pedidas aos párocos pelo Bispo de Angola D. Luís Simões Brandão em 1704.

95. AAL, Cód. s/n, fl. 33, Provisões Antigas (1743-45).

96. CADORNEGA, *op. cit.*, p. 27.

97. AMARAL. I.: «Descrição de Luanda oitocentista, vista através de uma planta do ano de 1755», *Garcia de Orta*, v. 9/13, 1961, pp. 409-420.

98. Sobre a história das devoções negras carmelitas, ver: OLIVEIRA, *op. cit.*

99. AHU, Angola, Caixa. 51, doc. 19, Ofício do Governador Geral de Angola [Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho] ao Conselho Ultramarino remetendo uma imagem de Nossa Senhora

incluindo neste rol as imagens de santos, não se limitaram à aparência das coisas. A analogia podia se dar em termos mais abstratos. O comércio de objetos sagrados do catolicismo, tais como crucifixos, rosários e imagens de santos, foi prática comum desde o início da presença portuguesa no Congo. Nos séculos XVI e XVII objetos religiosos cristãos eram «usados em todo Congo da mesma maneira que outros «nkisi-fetiches» considerados fontes de poder espiritual¹⁰⁰.

Nesse sentido, James Sweet sugere que o Deus cristão, assim como os santos católicos foram incorporados ao panteão das divindades locais centro-africanas. Assim como os espíritos dos ancestrais, os santos podiam socorrer os africanos na solução de problemas temporais específicos. Portanto, os santos foram importantes pontos de conexão entre as crenças africanas e o catolicismo. Para Sweet, no entanto, os símbolos católicos foram transformados e integrados as religiões e as visões de mundo africanas e não o contrário. Dessa forma, o autor defende o argumento de que as crenças africanas não foram destruídas pelas influências do cristianismo ocidental. Nesses termos, as crenças africanas absorveram e reinterpretaram ritos, práticas e visões de mundo católicas mas não foram suplantadas por estas. Apesar das conexões criadas pelos africanos e europeus, afirma as profundas diferenças entre os dois universos religiosos¹⁰¹.

De um outro ponto de vista, para John Thornton as analogias eram possíveis porque o catolicismo tinha efetivos canais de comunicação com a antiga tradição centro africana. Sem estes canais de comunicação seria impossível o desenvolvimento de um cristianismo africano. Apesar das distâncias, algumas realidades fundamentais da religião eram compartilhadas por portugueses e centro-africanos¹⁰². Por exemplo, ambas as culturas aceitavam as revelações como formas de contato entre o mundo dos vivos e o «outro mundo». Ainda na corte do Mani Congo, alguns dias após seu batismo e de membros da família real, vários nobres receberam a honra da imersão sagrada dos católicos. Um deles, chamado Jorge, após a iniciação cristã, mais precisamente na noite que se seguiu a esta, teve uma revelação. Viu «uma belíssima mulher que luzia como um fulgor e estrela do céu». Com «palavras elegantíssimas», a senhora dos céus anunciou uma mensagem exor-

da Conceição que se havia achado confundida entre os ídolos dos gentios. Luanda, 03 de Abril de 1767.

100. HORTA, J. S.: «Africanos e Portugueses na documentação inquisitorial de Luanda e Mbanza Kongo», *Actas do Seminário: Encontro de Povos e Culturas em Angola*. Lisboa, 1997, pp. 301-321.

101. SWEET, J.: *Recreating Africa. Culture, Kinship, and Religion in the Africa-Portuguese World, 1441-1770*, pp. 103, 194, 205.

102. THORNTON, J. K.: «On the trail of Voodoo: African Christianity in Africa in the Americas», *The Americas*, 44/3, Philadelphia, 1988, pp. 261-278; THORNTON, J. K.: *Africa and Africans in the Making of the Atlantic World, 1400-1800*, Cambridge, 1988.

tando o Mani Congo a permanecer fiel a fé de cristo, pois desse modo alcançaria grandes graças para si e para seu reino¹⁰³. As aparições da Virgem Maria, para os batizados da corte do Mani Congo, foram reconhecidas por missionários e congueses como verdadeiras revelações do outro mundo – ainda que interpretadas de maneira diferenciada por cada um dos interessados.

No extremo, as apropriações africanas do catolicismo ocidental produziram movimentos religiosos que, interpretados como heréticos pela igreja católica, foram entendidos pelos africanos dentro de uma lógica de revelações reconhecidas tanto pelo seu caráter santificado, quanto pelas suas inspirações diabólicas. Exemplar nesta perspectiva foi o Antonianismo, movimento liderado pela nobre conguesa Dona Beatriz Kimpa Vita, que além de uma forte conotação política, expressou uma leitura muito particular do cristianismo da parte dos centro-africanos.

Em torno dos anos 1702-1703, Kimpa Vita, uma jovem aristocrata, que apesar de educada e batizada no catolicismo, teria sido sacerdotisa do culto de marinda (nganga marinda), foi acometida de uma grave doença. Recuperada da moléstia, afirmava ter falecido e ressuscitado como Santo António. Como tal, ou seja, como Santo António vivo, Dona Beatriz pregava a unificação do Congo e uma nova interpretação do cristianismo. Afirmava, por exemplo, que Cristo havia nascido em São Salvador (Mbanza Congo) – a verdadeira Belém – e que a Virgem Maria era uma negra também nascida no Congo. Considerada um instrumento de artes demoníacas pela igreja católica, Kimpa Vita morreu na fogueira como herege em 1706¹⁰⁴.

Símbolos idênticos foram interpretados por europeus e africanos de formas diferentes, segundo ou conforme suas culturas e experiências de mundo. No decorrer do século XVIII, a popularidade de Santo Antônio era inquestionável. Enquanto os portugueses atribuíam ao santo «todas as vitórias que [tiveram] nas guerras contra o gentio do sertão (...) aquele mesmo gentio (...) [o venerava] com o título de Deus Santo Antônio e raros não eram os que [traziam] sua imagem ao pescoço»¹⁰⁵. Nas mentes de muitos centro-africanos, Santo Antônio pode ter cruzado o Atlântico e, esculpido em nó de pinho, retornado ao colo de seus devotos negros. O quanto restou do Deus Santo Antônio do Congo depois desta dolorosa e trágica travessia, não podemos saber com certeza. O que é certo, porém, é que algo ficou!¹⁰⁶.

103. PINA, R. de.: *Relação do Reino do Congo* [1492]. Comissão Nacional para as Comemorações dos descobrimentos portugueses, Lisboa, 1992, p. 125.

104. THORNTON, J.: *The Kongolese Saint Anthony, Dona Beatriz Kimpa Vita and the Antonian Movement, 1684-1706*. Cambridge, Cambridge University Press, 1998.

105. AHU, Angola, Caixa. 37, doc. 50, Ofício do Governador e Capitão General do Reino de Angola [Marques de Lavradio] ao Conselho Ultramarino, 19-08-1750.

106. SLENES, Robert, «'Malungu, ngoma vem!' África coberta e descoberta no Brasil», *Revista USP*, 12, São Paulo, 1991-92, p. 65.

O reconhecimento de um cristianismo africano, como uma variante do catolicismo ocidental, ou ainda a afirmação de uma reinterpretação africana dos símbolos e práticas cristãs, chamam a atenção para a experiência de cristianização da África Central como fator importante na compreensão da história política e cultural dos africanos e seus descendentes afro-americanos. Nestes termos, as irmandades e devoções católicas podem ser encaradas como importantes veículos de elaboração e propagação destas concepções cristãs africanizadas.

BIBLIOGRAFIA

- ALENCASTRO, L. F.: *O trato dos viventes. Formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo, 2000.
- AMARAL, I.: «Descrição de Luanda oitocentista, vista através de uma planta do ano de 1755», *Garcia de Orta*, V. 9/13, 1961, pp. 409-420.
- BARBOSA, I. M.: *História crítico-cronológica da instituição da festa, procissão e ofício do Corpo Santíssimo de Cristo no Venerável Sacramento da Eucaristia*. Lisboa, 1769.
- BOXER, C.: *A Igreja e a expansão ibérica*. Lisboa, 1989.
- BLUTEAU, R.: *Vocabulário português e latino* [1712]. Rio de Janeiro, 2000. (CD-ROOM).
- BUTLER, A.: *A vida dos santos*. Vozes, 1984.
- BRÁSIO, A. (comp.): *Angolana. Spiritana monumenta Historica*. Louvain, 1966.
- BRÁSIO, A.: *Os Pretos em Portugal*. Lisboa, 1944.
- CADORNEGA, A. de O.: *História Geral das Guerras Angolanas* [1680]. Lisboa, 1972, 3 volumes.
- CORRÊA, E. A. da S.: *História de Angola* [1787-1799]. Lisboa, 1937.
- CORREIA, A.: «A decadência final do Reino do Congo», <http://www.arlindo-correia.org/180807.html>. Acessado em 30 de abril de 2014.
- DIAS, F. N.: *Livro do Rosário de Nossa Senhora* [1573]. Lisboa, 1982. Edição fac-similada da 1.ª edição.
- DIAS, M. O. L.: *Interiorização da metrópole*. São Paulo, 2009.
- DIAS, P.: *A Arte da Língua D'Angola*. Lisboa, 1697.
- FONSECA, J.: *Escravos em Évora no século XVI*. Évora, 1997.
- FONSECA, J.: «Senhores e escravos no Algarve (1580-1700)», *Anais do Município de Faro*, 26, 1996, pp. 151-76.
- GABRIEL, M. N.: *Padrões da Fé, As Igrejas Antigas de Angola*. Luanda, 1981.
- Glorioso Santo Elesbão, Imperador da Etiópia Alta, Religioso Carmelita, Preto na Cor [O]*. Folheto anônimo. Lisboa, s/d.
- HORTA, J. S.: «Africanos e Portugueses na documentação inquisitorial de Luanda e Mbanza Kongo», *Actas do Seminário: Encontro de Povos e Culturas em Angola*. Lisboa, 1997.
- A Inclita Virgem Santa Ifigênia, Princesa do Reino da Núbia, Religiosa Carmelita, de Cor Preta*. Folheto anônimo, Lisboa, s/d.

- GUIMARÃES, I. de S.: *As Misericórdias portuguesas de D. Manuel I a Pombal*. Lisboa, 2001.
- KIDDY, E.: «Congados, Calunga, Candombe: Our Lady of the Rosary in Minas Gerais, Brazil», *Luso-Brasilien Review*, 37/1, 2000, pp. 47-61.
- LAHON, D.: *Esclavage et Confréries Noires au Portugal durant l'Ancien Régime (1441-1830)*. Paris, Ecole Des Hautes Etudes En Sciences Sociales, 2001. (These pour l'obtention du grade de Docteur de L' ehes).
- LAHON, D.: «Irmandades de escravos e forros», *Os Negros em Portugal*. Catálogo da exposição, Lisboa, 1999.
- LAHON, D.: *O negro no coração do Império, uma memória a resgatar – Séculos XV – XIX*, Lisboa, 1999.
- LIMA, C. A. M.: «Em certa corporação: politizando convivências em irmandades negras no Brasil escravista (1700-1850)», *História: Questões e Debates*, 30, Rio de Janeiro, 1999, pp. 1-38.
- LOVEJOY, P.: «A jornada de Mahommah Gardo Baquaqua para as Américas», *Afro-Ásia*, 27, Salvador, 2002, pp. 9-39.
- MADURO, C. A. S.: *Sermonário Mariano de Vieira: Maria Rosa Mística*. Dissertação de Mestrado, Braga, 1998.
- MORABITO, V.: «San Benedetto il Moro, da Palermo, protettore degli africani di Siviglia, della penisola ibérica e d'América latina». En ARES QUEIJA, B. y STELLA, B.: *Negros, mulatos, zambaigos. Derroteros africanos em los mundos ibéricos*. Sevilla, 2000.
- MULVEY, P. A.: *The black lay brotherhoods of Colonial Brazil: a History*. New York, 1976.
- OLIVEIRA, A. J. M.: «Os Santos Pretos Carmelitas»: *culto dos santos, catequese e devoção negra no Brasil Colonial*. Niterói, 2002 (Tese de Doutorado em História).
- OLIVEIRA, C. R.: *Sumário que brevemente se contém algumas coisas assim Eclesiásticas, como Seculares, que há na cidade de Lisboa [1551]*. Lisboa, 1760.
- OLIVEIRA, M.: *História Eclesiástica de Portugal*. Lisboa, 1940.
- PENTEADO, P.: «As confrarias portuguesas na época moderna: problemas, resultados e tendências de investigação», *Separata de Lusitânia Sacra*, 2ª série, Lisboa, 1995, pp. 15-52.
- PIMENTEL, M. do R.: «El Rei do Congo em Portugal e no Brasil. Da realidade à ficção», en PIMENTEL, M. d. R.: (org.): *Portugal e Brasil no Advento do Mundo Moderno*. Lisboa, Colibri, 200, pp. 371-92.
- PINA, R. de: *Relação do Reino do Congo [1492]*. Comissão Nacional para as Comemorações dos descobrimentos portugueses, Lisboa, 1992.
- PINHEIRO, F. A. D.: *Em defesa da liberdade. Libertos e livres de cor nos tribunais do Antigo Regime português (Mariana e Lisboa, 1720-1819)*. Campinas, 2013. (Tese de Doutorado em História).
- QUINTÃO, A. A.: *Lá vem parente. As irmandades de pretos e pardos no Rio de Janeiro e em Pernambuco (século XVIII)*. São Paulo, 2002.
- RAMINELLI, R.: *Viagens ultramarinas. Monarcas, vassallos e governo à distância*. São Paulo, 2008.

- REGINALDO, L.: *Os Rosários dos Angolas. Irmandades de africanos e crioulos na Bahia Setecentista*. São Paulo, 2011.
- REIS, J. J.: «Identidade e diversidade étnicas nas irmandades negras no tempo da escravidão», *Tempo*, 2/3. Rio de Janeiro, 1997, pp. 7-33.
- SANTA ANNA, J. P. de: *Os dous atlantes de Ethiopia. Santo Elesbão, Emperador XLVII da Abessina, Advogado dos perigos do mar, e Santa Ifigênia, Princesa da Núbia, Advogada dos incêndios dos edifícios, Ambos Carmelitas, Tomo Primeiro Que trata da história do Atlante Primeiro*. Lisboa, 1745.
- SANTA ANNA, J. P. de: *Segundo Atlante de Ethiopia Santa Ifigênia, Princesa do Reyno da Núbia; Religiosa Carmelita, Advogada contra os incêndios. Tomo Segundo Que trata da história do Atlante Segundo*. Lisboa, 1738.
- SANTA MARIA, A.: *Santuário Mariano e História das Imagens Milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores & devotos da mesma Senhora*. Lisboa, 1707.
- SANTOS, E.: *As religiões de Angola*. Lisboa, 1969.
- SAUNDERS, A. C. de C. M.: *História Social dos escravos e libertos negros em Portugal (1441-1555)*. Lisboa, 1982.
- SCARANO, J.: *Devoção e Escravidão. A Irmandade de N.S. do Rosário dos Pretos do Distrito Diamantino no Século XVIII*. São Paulo, 1978.
- SLENES, R.: «'Malungu, ngoma vem!' África coberta e descoberta no Brasil», *Revista USP*, 12, São Paulo, 1991-1992, pp. 48-67.
- SOARES, M. C.: *Devotos da cor. Identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII*. Rio de Janeiro, 2000.
- SWEET, J.: *Recreating África. Culture, Kinship, and Religion in the África-Portuguese World, 1441-1770*. Chapel Hill and London, 2003.
- SOUSA, L.: *História de São Domingos*. Porto, Lello e Irmão Editores, 1977.
- SOUZA, J. B. A.: «Viagens do Rosário entre a Velha Cristandade e o Além-Mar», *Estudos Afro-Asiáticos*, 23/2. Rio de Janeiro, 2001, pp. 379-95.
- SOUZA, L. M.: *O Diabo na Terra de Santa Cruz*. São Paulo, 1995.
- SOUZA, M. M.: *Reis Negros no Brasil Escravista, História da Festa de Coroação do Rei Congo*. Belo Horizonte, 2002.
- TINHORÃO, J. R.: *Os Negros em Portugal. Uma presença silenciosa*. Lisboa, 1997.
- THORNTON, J. K.: *Africa and Africans in the Making of the Atlantic World, 1400-1800*. Cambridge, 1988.
- THORNTON, J. K.: *The Kongolese Saint Anthony, Dona Beatriz Kimpa Vita and the Antonian Movement, 1684-1706*. Cambridge, Cambridge University Press, 1998.
- THORNTON, J. K.: «On the trail of Voodoo: African Christianity in Africa in the Americas», *The Americas*, 44:3, Philadelphia, 1988, pp. 261-278.
- VAINFAS, R. (ed.): *Dicionário do Brasil colonial: 1500-1808*. Rio de Janeiro, 2000.

- YERUSHALMI, Y. H.: «L'Antisemitisme racial est-il apparu au xxe siècle? De la limpieza de sangre espagnole au nazisme: continuités et ruptures», *Esprit*, 3-4, Paris, 1993, pp. 5-35.
- VENÂNCIO, J. C.: *A Economia de Luanda e hinterland no século XVIII. Um estudo de sociologia histórica*. Lisboa, 1996.
- VENÂNCIO, R. P.: *Cativos do Reino, A circulação de escravos entre Portugal em Brasil, séculos 18 e 19*. São Paulo, 2012.
- VILHENA, L. dos S.: *A Bahia no século XVIII*. Salvador, Editora Itapuã, 1969.